

As ocupações fabris controladas por operários e comunistas em Joinville, SC (2002 2007)¹

Factory occupations controlled by workers and communists in Joinville, SC, Brazil (2002–2007)

Francisco Lino de Aviz Neto*

Mariluci Neis Carelli**

Daniela Pistorello***

Resumo

Este artigo apresenta uma análise de como alguns jornais expuseram as ocupações e o controle operário entre 2002 e 2007 nas fábricas de transformação de plástico Cipla e Interfibra, na cidade de Joinville (SC). Os trabalhadores e dirigentes políticos comunistas buscavam salvaguardar mil empregos e receber direitos trabalhistas em atraso desde 1996. Diante desse processo, os jornais locais *A Notícia* e *Diário Catarinense*, o primeiro de Joinville e o segundo de Florianópolis (SC), foram as principais fontes de imprensa para a pesquisa, localizados e fotografados no acervo do Arquivo Histórico de Joinville, totalizando 37 publicações relacionadas, auxiliando na problematização de uma seleção de manchetes, discursos e ideologias da burguesia, refletindo sobre o caráter da imprensa ao entendê-la como instrumento de luta das ideias dominantes contra as ações proletárias independentes.

Palavras-chave: imprensa; fábrica; controle operário

Abstract

This article presents an analysis of how some newspapers exposed occupations and worker control between 2002 and 2007 in the Cipla and Interfibra plastic processing factories, in the city of Joinville, SC, Brazil. The communist workers and political leaders sought to safeguard a thousand jobs and receive labor rights that had been delayed since 1996. Faced with this process, the local newspapers *A Notícia* and *Diário Catarinense*, the first from Joinville and the second from Florianópolis, SC, were the main sources of press for the research, located and photographed in the collection of the Joinville Historical Archive, totaling 37 related publications, helping to problematize a selection of headlines, speeches and ideologies of the bourgeoisie, reflecting on the character of the press by understanding it as an instrument of struggle for dominant ideas against independent proletarian actions.

Keywords: press; factory; worker control

¹ Agradecemos o apoio recebido da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) para o desenvolvimento dessa pesquisa no Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade, da Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE.

* Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE. Contato: aavizneeto@gmail.com.

** Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE. Contato: mariluci.carelli@gmail.com.

*** Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. Contato: danipistorello@hotmail.com.

Introdução

Uma fábrica ocupada e controlada por operários, sem patrões, será sempre um caso extraordinário sob a égide do modo de produção capitalista. Trata-se de uma organização da produção que contrapõe a própria *razão de ser* de um regime de propriedade privada. Essa foi a realização de operários e militantes políticos nas fábricas de transformação de plástico Cipla e Interfibra, entre 2002 e 2007, em Joinville (SC), constituindo o Movimento das Fábricas Ocupadas (MFO), angariando uma atenta e dedicada repercussão da grande imprensa da cidade no processo. O MFO conformou-se em 2002 com a união dessas três fábricas do mesmo ramo: a Cipla e a Interfibra, situadas na cidade catarinense, e a Flaskô, na cidade de Sumaré (SP), todas pertencentes ao grupo Corporação Holding do Brasil, resultado de uma cisão da Companhia Hansen Industrial S.A. (Musto, 2012, p. 19)

Joinville é a maior cidade de Santa Catarina em população, localiza-se no norte do estado, apresenta mais de 600 mil habitantes² e remonta, segundo sua fantasiosa história oficial, à colonização germânica de março de 1851. Seria uma colonização agrícola, mas que “rapidamente ergueu pilares que a fariam comunidade referencial ainda no período colonial” (Ternes *apud* Gehlen, 2021, p. 5), sendo capaz de transformar-se em “polo comercial em matriz industrial e, desta, em cidade de serviços, guardando nos dias de hoje, forte espírito empresarial, de pioneirismo e inovação”. (Ternes *apud* Gehlen, 2021, p. 5)

Tamanho *destino* empreendedor capitalista é permanentemente reforçado pelos ideólogos oficiais, políticos e imprensa do município, como se pode verificar, por exemplo, na obra que comemora os 110 anos da Associação Empresarial de Joinville (Acij), de Joel Gehlen (2021). Esse sonho liberal promove o sumário apagamento das populações ali já estabelecidas de trabalhadores negros escravizados e seus senhores portugueses.

Todavia, é importante reiterar que no empreendimento da Sociedade Colonizadora de Hamburgo tal discurso viceja desde sua criação, compreendendo o trabalho como “fonte de valores, virtudes e de progresso ou ainda como uma vocação divina”. (Cunha, 2008, p. 127) Longe de suas terras europeias por causa da crise econômica, social e política de 1848, os laureados germânicos buscaram construir no norte catarinense uma sociedade que cultuasse o trabalho como *dever ético e moral*. Isso porque os gestores da Colônia Dona Francisca,³ como foi inicialmente chamada a atual Joinville, visavam consolidar um local de desenvolvimento e exploração para suas riquezas no contexto de industrialização e expansão do capitalismo, em um Brasil Imperial no

² Em dados preliminares do Censo 2022, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Joinville apresenta o total aproximado de 618 mil habitantes. Disponível em: <<https://www.joinville.sc.gov.br/noticias/ibge-apresenta-dados-preliminares-do-censo-2022-em-joinville/#:~:text=Na%20ocasi%C3%A3o%20a%20equipe%20t%C3%A9cnica,habitantes%20do%20munic%C3%ADpio%3A%20618%20mil>>. Acesso em: 17/05/2023.

³ Em 1843, a princesa Francisca de Bragança, irmã de Pedro II do Brasil, casou-se com o príncipe francês Francisco Fernando de Orleans, o qual passou a ter o título de príncipe de Joinville. As terras no norte catarinense eram o dote ao europeu. Este, em 1848, negociou parte desse dote com a Sociedade Colonizadora Hamburguesa, por causa das condições financeiras decadentes da família real após a queda do rei Luís Felipe, na França.

processo de algumas mudanças, como a Lei Eusébio de Queirós e a Lei de Terras, ambas de 1850, e as pretensões *civilizatórias* do Governo Imperial e das frações ilustradas da elite nacional.

Contraditório ou não, nessa cidade, de referida trajetória *ontologicamente* capitalista, gerou-se uma experiência extraordinária de ocupação e controle operário de fábricas, estas que também eram símbolo da história oficial. Tendo isso em vista, considera-se que o atual apagamento do controle produtivo por operários e comunistas em Joinville não é ingênuo ou involuntário, mas intencional, por destoar da fábula liberal que permeia o imaginário joinvilense.

Quem noticia a cidade, as fábricas e o tumulto?

Objetiva-se aqui discutir, à luz dos processos de greve, ocupação e controle operário de Cipla e Interfibra, o caráter burguês dos jornais *A Notícia* e *Diário Catarinense*. Por meio do estudo da imprensa oficial, lê-se como os antagonismos das classes sociais movem a história até nossos dias, e isso não poderia ser diferente em Joinville, cidade moldada pela ideologia da ordem e do trabalho.

Tais ocupações fabris ocorreram em um contexto histórico marcado por mudanças socioeconômicas, em razão do aprofundamento das políticas ultraliberais e da crise capitalista na virada do século XX ao XXI. (Verago, 2011) Nessa perspectiva, essas experiências dirigidas pelo MFO possuem características particulares, como a não adesão ao cooperativismo em defesa do autointitulado *controle operário*, sintetizado na estatização das fábricas ocupadas com base em um projeto político internacionalista, de cunho marxista, interligado a movimentos operários semelhantes aos de outros países do continente e do mundo, pautando a expropriação geral das burguesias sem indenização. (Dal Ri; Vieitez, 2007; Paulucci, 2007)

No específico caso de Joinville, as fábricas Cipla e Interfibra foram ocupadas em 31 de outubro de 2002, após tensos meses atravessados de paralisações por 24 horas, iniciando-se em janeiro, contra os atrasos constantes do pagamento dos salários e do 13º, até a explosão da definitiva greve de oito dias, em 24 de outubro do mesmo ano. Com a ocupação operária, foram formados o Comitê em Defesa de Emprego, do Salário e dos Direitos Trabalhistas em Dia e a campanha de coleta de assinaturas pela Estatização para Salvar 1.000 Empregos, composto, além dos operários, de partidos, sindicatos, associações e representantes do poder público.

Em fevereiro de 2003, as fábricas passaram a ser geridas pelo Conselho Administrativo Unificado, eleito em assembleia na Cipla, com 14 representantes, seis deles representando a Interfibra. Como mostram as páginas dos jornais burgueses de Joinville, todo esse processo foi permeado por disputas e complexidades entre as instituições empresariais, estatais – nacional e internacional⁴ –, sindicais e de organizações

⁴ Em 27 de outubro de 2005, operários das fábricas ocupadas participaram, na Venezuela, do I Encontro Latino-Americano de Empresas Recuperadas, onde foi assinado o acordo entre a Petroquímica da Venezuela (Pequiven) e o MFO. O governo Chávez comprometeu-se a enviar carregamentos de matéria-prima que pudessem colaborar com o Projeto Petrocasa de seu mandato. O projeto consistia na construção de fábricas de materiais plásticos para a construção de casas populares, caindo, portanto, como uma luva para a produção da Cipla, que possuía tecnologia para a realização de casas de policloreto de vinila (PVC). A Cipla ocupada já havia

políticas, finalizando-se com uma violenta invasão da Polícia Federal em 31 de maio de 2007, quando 150 policiais armados decretaram o fim dessas experiências proletárias, substituindo-os por um interventor judicial, chamado Rainoldo Uessler, contador e administrador judicial, que teve como primeiro ato demitir os trabalhadores eleitos ao conselho operário das fábricas. (Verago, 2011)

Ressalta-se aqui também o espaço dado pela imprensa nacional para a mobilização reacionária às ocupações, oferecendo voz ativa às posições burguesas, por exemplo, à Federação da Indústria do Estado de São Paulo (Fiesp), como aponta a socióloga Josiane Lombardi Verago (2011) em sua tese de doutorado, intitulada *Fábricas ocupadas e controle operário: Brasil e Argentina (2002–2010). Os casos da Cipla, Interfibra, Flaskô e Zanon*.

Em 22 de fevereiro de 2007, o *Estadão* estampou Paulo Skaf, então presidente da Fiesp, agitando para suas bases que o acordo entre a Cipla ocupada e o governo Chávez “desagrada a setores tradicionais da indústria” e que caracterizava sua “ingerência em assuntos internos brasileiros”. (Verago, 2011, p. 246) A autora também relembra a famosa publicação da revista *Veja* destinada a caluniar os operários e representantes do MFO batizando-os de “O MST das Fábricas”, defendendo a intervenção federal em sua linha editorial. (Verago, 2011, p. 248)

Em ressonância, no mês de maio daquele ano, a Associação Brasileira da Indústria do Plástico exigia no editorial de seu boletim um “repúdio contundente a esse tipo de prática antes que isso se torne cotidiano e prejudique a democracia”. (Verago, 2011, p. 247) Esse mês ficou conhecido como Maio Vermelho, em que trabalhadores de todo o país se juntaram contra ações judiciais patronais e por direitos trabalhistas, como os operários da Honda e do Sindicato dos Metalúrgicos de Campinas, conjuntamente aos operários e militantes do MFO da Cipla e da Interfibra, em Joinville, e da Flaskô, em Sumaré, outra fábrica ocupada pelo mesmo movimento.

Esses processos repercutiram nas páginas dos jornais joinvilenses, que, tal qual a imprensa geral, se apresentam como entes democráticos, porém majoritariamente são compostos de meios privados de comunicação que possuem papel central no acesso aos acontecimentos sociais, políticos e econômicos da sociedade e no seu conhecimento geral. São empresas, negócios com fins lucrativos, o que faz de suas reportagens, exposições e interpretações não expressões da opinião pública, mas dos interesses de seus capitalistas.

Em *Imprensa e História do Brasil*, Maria Helena Capelato (1988) aponta as produções jornalísticas como fontes cruciais para o trabalho do historiador, porém atenta para como esse material deve ser lido com suspeita. Sua credibilidade está longe de ser essencializada, isenta ou pública. Explicitamente, a autora aconselha a compreensão dos “interesses econômicos e políticos” da imprensa, dando-se também atenção tanto para toda a carga e depósito de ideias que possui o jornal quanto para a linha tênue entre a imprensa oficial e a imprensa oficiosa. (Capelato, 1988, p. 20-21)

Já em Robert Darnton (1990), em *O beijo de Lamourette: Mídia, Cultura e Revolução*, em seu capítulo 5, intitulado “Jornalismo: toda notícia que couber, a gente pública”, além desse crucial elemento entre o relato dos *fatos* e os interesses dos donos

apresentado um projeto semelhante ao governo brasileiro e ao de Cuba, mas somente o governo venezuelano o colocou em prática. (Verago, 2011)

dos jornais, vê-se a *sala de redação*, o chão de fábrica dos jornalistas, com suas analogias fabris e hierarquicamente capitalistas, onde os repórteres precisam “conquistar seu *status* diariamente”. (Darnton, 1990, p. 72) O editor-chefe, nomeado pela administração burguesa, comanda o escritório, e os editores-assistentes dirigem grupos editoriais, como esportes, cidade e economia, em extremidades opostas do ambiente, em suas diferentes linhas de produção. Divisórias guiadas pela *importância* de cada jornalista.

Eles se distribuem em quatro setores. Primeiro, algumas filas de grandes jornalistas liderados por sumidades [...]. A seguir, três filas de redatores e preparadores de texto, que se sentam ao lado das sumidades na frente da sala, de modo que podem ficar perto dos postos de comando na hora do fechamento. Em seguida, uma sequência de veteranos de meia-idade, que fizeram nome e são de confiança para qualquer reportagem. Por fim, um bando de jovens redatores em início de carreira, no fundo da sala, os mais jovens geralmente ocupando os lugares mais afastados. (Darnton, 1990, p. 72)

“O poder do editor sobre o repórter, assim como o do diretor sobre o editor, realmente gera uma tendência na maneira de redigir as notícias, como assinalam os estudos sobre o controle social na sala de redação” (Darnton, 1990, p. 77), complementa o historiador francês ao descrever a guerra de egos e interesses públicos e privados em jornais como o *The New York Times*, de Nova York, Estados Unidos, onde trabalhou. Darnton (1990) também se refere aos preconceitos e estereótipos que influenciam os jornalistas em suas coberturas, sobre o que e como deve ser a matéria, como se pode ver em uma das publicações do *A Notícia* joinvilense, que classificou a greve operária na Cipla de outubro de 2002 como causadora de *tumulto*. Ora, o que mais seria essa agitação subversiva na *cidade da ordem* senão uma balbúrdia operária?

Para Darnton (1990, p. 97), auxiliando na compreensão do papel desempenhado pelas fontes encontradas pelo presente trabalho, a matéria jornalística familiariza-se tanto com a notícia enquanto mercadoria produzida na sala de redação quanto com a maneira de ver o mundo do repórter, do editor e, por último, do financiador – o capitalista proprietário das páginas dos jornais.

Com base nessas considerações iniciais, o presente artigo teve a intenção de apresentar as produções jornalísticas encontradas e selecionadas no acervo do Arquivo Histórico de Joinville (AHJ) acerca das ocupações fabris, visando problematizar a ideologia dominante da “cidade da ordem e do trabalho”, potência disciplinadora dos trabalhadores locais sob interesses burgueses. (Costa, 1996; Cunha, 2008) Portanto, buscou-se refletir sobre a imprensa tendo em vista o ideário oficial da cidade, que, considera-se, condena o controle operário da produção e menospreza a capacidade proletária de administrar fábricas, buscando moldar uma classe trabalhadora passiva e defensora do patrimônio privado, especialmente produtivo, apartada do movimento operário.

Para tanto, foram analisados os jornais *A Notícia* e *Diário Catarinense*, tanto as edições encadernadas quanto o envelope de recortes intitulado pelo AHJ “Cipla/Interfibra/Ambalit – Grupo Hansen (1)”. Diante deles, foram realizados registros fotográficos de cada matéria que se relacionava com o tema proposto, a mais antiga datada de 16 de maio de 1996, do *Diário Catarinense*, cuja manchete diz: “Sem dinheiro: Ex-empregados da Cipla protestam”, do jornalista Fabrício Minussi (1996, p. 21, seção Economia), até o jornal dos dias 2 e 3 de junho de 2007, em que a capa do *AN Cidade* traz

“A Cipla é viável?”, assinada por Marco Aurélio Braga. Foram, ao todo, 37 matérias encontradas, alternando-se entre rápidas notas até extensas reportagens que detalham os momentos, expressando o posicionamento dos jornais diante das ocupações fabris.

Sendo o jornal mais famoso de Joinville, *A Notícia* comemorou 100 anos em 24 de fevereiro de 2023. Trata-se, portanto, de um dos veículos de imprensa mais antigos ainda em circulação no Brasil. Oficialmente, o jornal realizou uma grande campanha ao longo do ano de seu centenário intitulada “A Joinville que queremos”, com exposições pela cidade de suas páginas históricas e o convite a um “debate sobre o futuro do município”, incluindo seminários em faculdades de jornalismo.

Todavia, um artigo interessante para conhecer a história desse jornal não foi publicado em seu *site*, mas sim em outro, chamado Portal Making Of, assinado pela *pena* célebre da historiografia e do jornalismo oficial joinvilense Apolinário Ternes.⁵ Nele, em ar ressentido, Ternes (2023) teceu críticas ao fim do jornal de papel, à internet e à forma como ele fora retirado da sala de redação do *A Notícia*, em 2016. O historiador-jornalista relembrou a fundação do jornal, em 24 de fevereiro de 1923, pelas mãos de Aurino Soares, “com vida fulgurante” até dezembro de 1944, que se comunicava em uma cidade em que 75% da população falava a língua alemã. (Ternes, 2023)

Apolinário Ternes tem propriedade para apresentar esse veículo da burguesia joinvilense, pois teve a tarefa de escrever dois livros sobre a história do jornal ao longo de sua carreira, nas gestões das famílias Thomazi e Fallgatter. Mas para o presente trabalho, esse artigo de Ternes (2023) é rico por mencionar quem controlou a notícia em Joinville:

Depois de Aurino – 1923/1944 – a empresa teria novos proprietários. De 1946 a 1956, Aderbal Ramos da Silva e a família Alvim, comandaram a empresa. De 1956 em diante, um grupo de 150 empresários assumiu o controle, sob a liderança de três principais acionistas – Helmuth Fallgatter, Baltazar Buschle e Wittich Freitag. No começo dos anos 80, Fallgatter assumiria o controle e o genro, Moacir Thomazi, lideraria fulminante nova etapa na história do jornal, elevando-o à liderança na circulação e à condição de um dos mais modernos jornais do país, com impressão a frio e edições com até 70 páginas, com dezenas de cadernos especiais. Nesta etapa, além de outros importantes jornalistas, Luiz Meneghim liderou o rejuvenescimento do jornal que consolidou sua posição de número um do mercado. Vendido à RBS em 2006, o grupo gaúcho manteve o comando de *A Notícia* até transferir a empresa e o destino do jornal ao grupo NSC, estranhos ao mundo jornalístico e autores da extinção dos jornais catarinenses do universo impresso. [...] Enfim, os 100 anos de *A Notícia* simbolizam o auge e a queda, não só de uma empresa, mas de toda a cidade de Joinville. (Ternes, 2023, n.p.)

Essa linha do tempo dos donos do maior jornal local – e principal noticiador da ocupação fabril na Cipla e na Interfibra – é relevante, pois permite conhecer quem eram tais figuras da cidade de *espírito empreendedor*.

⁵ Autor de 30 livros sobre a história de Joinville, de Santa Catarina e de empresas da região norte do estado, publica obras regularmente desde 1975. Disponível em: <<https://apolinarioternes.com.br/apolinario-ternes/>>. Acesso em: 08/01/2024.

Como dito por Ternes (2023), o substituto do jornalista paranaense Aurino Soares, em 1946, foi Aderbal Ramos da Silva (ALESC, 2022), que, além de banqueiro, jornalista, advogado e sobrinho do político Nereu Ramos e do industrial Celso Ramos, foi também governador de Santa Catarina no mesmo período em que era dono do *A Notícia*, entre 1947 e 1951.

Já em 1956, vieram três acionistas proprietários, que podem ser mais bem conhecidos por meio da leitura atenta da historiadora Sirlei de Souza (1998), em sua dissertação de mestrado, intitulada *Ecos de resistência na desconstrução da ordem: uma análise da “Revolução de 64” em Joinville*. No capítulo 1, “A construção da ordem na cidade do progresso”, Souza (1998) apresenta o crucial papel que *A Notícia* teve na mobilização social em Joinville em prol do golpe empresarial-militar, uma “fabricação das elites locais” (Souza, 1998, p. 12), sob a orientação e os interesses de seus donos, principalmente Helmuth Fallgatter, prefeito de Joinville entre 1961 e 1966:

A imprensa teve um papel fundamental como articuladora e divulgadora destas manifestações. Não se pode esquecer que o jornal de maior circulação na cidade – *A Notícia* – era dirigido pelo então prefeito Helmuth Fallgatter, que apoiou abertamente o golpe militar. Este jornal incentivou em seus editoriais as várias manifestações que foram realizadas durante o mês de Março e Abril de 64, em defesa do golpe militar. Sob o título: “Evolução e não Revolução”, o jornal refere-se a “Marcha da Família com Deus, pela Liberdade” ocorrida em São Paulo, dizendo que a Marcha foi uma demonstração da vontade popular em resolver os problemas do país e garantir a permanência das instituições democráticas. Em uma demonstração de claro incentivo para que a Marcha viesse a ocorrer em Joinville, como de fato ocorreu um mês depois. (Souza, 1998, p. 13)

Ao lado de Fallgatter, estavam Baltazar Buschle e Wittich Freitag, que, segundo Souza (1998, p. 26), “exerceram por um longo período 1956-1980 uma grande influência na imprensa local [...] participando em diferentes períodos da administração da cidade”.

Isso é verificado quando se vê que em 1950 Buschle foi eleito para o Conselho Consultivo e Deliberativo da Acij para o biênio 1950–52, assumindo o cargo de segundo tesoureiro. (Gehlen, 2021, p. 129) Alçando voos mais altos, em 1956, tornou-se prefeito de Joinville até 1961, substituído pelo já mencionado Fallgatter. Por sua vez, Freitag teve inúmeras legislaturas na câmara de vereadores e fora eleito prefeito em 1983.

Esse retrato exemplificaria não somente o Estado, mas a imprensa, como balcão de negócios e porta-voz da burguesia, como afirmaram Marx e Engels no *Manifesto do Partido Comunista*, de 1848?

A linhagem de burgueses e políticos dessa classe controlando *A Notícia* não para por aí, pois se seguiu com o genro de Helmuth Fallgatter assumindo o jornal, o empresário, político e professor Moacir Thomazi. Em uma entrevista de 2019 realizada pelo jornalista Claudio Loetz para homenagear e referenciar Thomazi como exemplo do empreendedorismo local, este é apresentado como uma das grandes lideranças do estado, aprendiz de Buschle, Fallgatter e Hans Dieter Schmidt, outro importante burguês local.

Segundo a matéria (Loetz, 2019), Thomazi foi professor de história – do ensino fundamental ao superior –, assumiu *A Notícia* aos 29 anos de idade, presidiu a Acij em quatro oportunidades, foi secretário municipal de Educação e secretário de Educação

do estado de Santa Catarina e por mais de 10 anos presidiu o Corpo de Bombeiros Voluntários de Joinville. Ao longo da obra de celebração da Acij de Gehlen (2021, p. 188), Moacir Thomazi é uma das personagens mais exaltadas pelos seus feitos empresariais e, sem perder de vista, por atuar em seus cargos públicos ao mesmo tempo que cumpria mandato no Conselho Deliberativo da Acij, em 1984.

Quanto ao *A Notícia*, Moacir Thomazi começou a envolver-se com este em 1976, consolidando-se nele em 1979, com a inauguração da nova sede do jornal, ficando em seu comando dos anos 1980 até 2006. Portanto, ao longo de praticamente todo o processo de ocupação das fábricas, o principal veículo comunicador da cidade e das ações do MFO foi controlado por um dos membros mais importantes da elite catarinense, dirigente desde 1977 da Acij. Digno de nota!

O outro periódico que se apresentou como fonte de pesquisa nos acervos do AHJ referente à ocupação foi o *Diário Catarinense*. Com uma história mais recente, o *Diário Catarinense* foi fundado em maio de 1986, proclamado como o “primeiro jornal totalmente informatizado da América Latina”, de propriedade de Maurício Sirotsky Sobrinho, também dono do Grupo RBS (Rede Brasil Sul), criado em 1957 no Rio Grande do Sul e expandido para Santa Catarina em 1979. (Redação NSC, 2019)

Podem-se conhecer profundamente o processo de consolidação do poder midiático do conglomerado RBS e a potência para o estado catarinense do *Diário Catarinense* por meio da dissertação de mestrado de Daniel Piassa Giovanaz (2015), intitulada *Da conquista do canal 12 à compra do jornal A Notícia: as articulações políticas que consolidaram o oligopólio da RBS em Santa Catarina*. Vale dizer que, desde 2017, ambos os jornais são propriedade do Grupo NSC Comunicação, que, por sua vez, é propriedade do Grupo NC, do empresário Carlos Sanchez, 39º bilionário do Brasil, segundo a *Forbes* (2023).

Segundo Giovanaz,

O município mais populoso de Santa Catarina, Joinville, era o local de mais difícil penetração dos veículos da RBS no início dos anos 2000. A hostilidade do mercado local manifestava-se nos baixos índices de assinatura e circulação do *Diário Catarinense*, que tinha como principal concorrente o mais tradicional jornal da cidade, *A Notícia*. Precisamente nesse contexto, em 2006, o conglomerado gaúcho decidiu comprar o veículo joinvilense e tornou-se, enfim, referência de leitura em todas as regiões do estado. Segundo o Ministério Público Federal (MPF), que ajuizou em 2008 uma Ação Civil Pública para anular aquela negociação sob a acusação de formação de oligopólio, a RBS tornou-se, a partir de então, um império (SANTA CATARINA, 2008, p. 7) – três anos depois, uma sentença proferida pelo juiz Diógenes Marcelino Teixeira julgaria o pedido improcedente e autorizaria a compra, legitimando a concentração de mídia no estado. [...] A compra do jornal *A Notícia* não apenas consolidou o domínio da RBS no mercado impresso local, mas ratificou a eficácia das articulações políticas estabelecidas por seus gestores desde a entrada em Santa Catarina. (Giovanaz, 2015, p. 23)

A obra de Giovanaz (2015) dá luz ao papel que a RBS e o *Diário Catarinense* representaram, ao longo de suas histórias, nos interesses burgueses e, principalmente, a como se consolidaram no mercado ao apoiar, assim como *A Notícia*, o golpe e a ditadura empresarial-militar no Brasil, entre 1964 e 1985. Um fato interessante também relembado pelo autor foi a contratação de Carlos Machado Fehlberg, ex-secretário de

imprensa do governo Emílio Garrastazu Médici (1969–1974), para o cargo de diretor de redação dos jornais *Zero Hora* e *Diário Catarinense*. Tal registro é relevante, já que no século XXI esse grupo de comunicação teve a pretensão de ocultar suas relações com os “anos de chumbo” ou desvincular-se delas. (Giovanaz, 2015, p. 41)

As histórias desses veículos de comunicação, brevemente apresentadas e comentadas aqui, ajudam a demonstrar suas funções na sociedade capitalista e como os meios de comunicação no Brasil possuem uma estrutura desregulamentada permissiva às relações de interesses público e privado, sendo grande facilitadores do oligopólio da fala, do acesso à notícia e, conseqüentemente, do pensar. (Giovanaz, 2015, p. 41) Essa concepção precisa ser considerada, a seguir, com as páginas dos jornais *A Notícia* e *Diário Catarinense*, mesmo levando-se em conta a independência que cada jornalista possui ao assinar e publicar sua matéria.

As publicações jornalísticas: discursos e ideologias

O processo de ocupação fabril em Joinville não foi repentino nas páginas dos jornais locais. Uma conjuntura de crises capitalistas levou diversas indústrias a entrarem em falência e em débito com seus trabalhadores. Contudo, inicialmente, cabe aqui um breve histórico dessas empresas, que, por suas importantes trajetórias, receberam muitos holofotes dos jornais privados.

Situada no limítrofe entre o centro e a zona sul de Joinville, a Cipla – centro da ocupação e do controle operário – é uma indústria transformadora de plásticos com mais de 50 anos de existência. Essa fábrica, amplamente conhecida e consumida na região catarinense, produziu serviços e mercadorias para o consumo doméstico, hospitalar, industrial e automotivo. Fundada em 1963, ligada ao Grupo Hansen Industrial, iniciou suas atividades em um galpão de 800 m². Em 1988, desvinculou-se desse grupo industrial, passando a ser controlada pela *holding* Corporação HB, propriedade de Eliseth Hansen – filha de João Hansen Júnior, controlador da Tigre – e de seu marido, Luís Batschauer. Essa *holding*, presidida por Batschauer, possuía o domínio de Cipla, Profiplast e Interfibra, em Joinville, além da indústria Flaskô, em Sumaré, outra empresa que passou ao controle operário e permanece assim até nossos dias, apesar de suas diversas debilidades. (Verago, 2011, p. 126) Segundo o institucional da empresa, seu parque fabril é composto de 45.500 m². (Cipla, 2024)

Em conexão com os trabalhadores que controlavam a Cipla, estava a fábrica de plástico reforçado Interfibra Joplas Industrial LTDA. Fundada em 1970 e autointitulada “a maior fabricante de Tubos, Tanques, Conexões e Laminados de plástico reforçado da América Latina” (Interfibra, 2024), seu parque industrial, localizado na zona industrial norte de Joinville, possui uma área construída com cerca de 14 mil m² em uma área total de 194.300 m², sendo a única empresa nacional produtora de tubos para extração de petróleo. (Nascimento, 2004, p. 31) Um abalo aos interesses burgueses nessas fábricas não passaria incólume nas páginas dos principais jornais de Joinville.

Nas fontes encontradas no AHJ, demonstram-se a falta de pagamentos de direitos trabalhistas, o anúncio de demissões em massa e o definhamento de históricas fábricas da cidade, ao menos desde 1996, como se pode ler em matéria do *Diário Catarinense* de 16 de maio daquele ano, na seção Economia, na página 21, assinada pelo jornalista Fabrício Minussi, com a manchete “Sem dinheiro: Ex-empregados da Cipla protestam”.

Seis anos antes da ocupação proletária, os trabalhadores demitidos em maio de 1996 foram organizados pelo advogado e dirigente político Chico Lessa, por ser este, na ocasião, representante do Sindicato dos Plásticos. Lessa fora dirigente do MFO e da organização política que impulsionou o processo de 2002 a 2007 – inicialmente a corrente O Trabalho, do Partido dos Trabalhadores (PT), a partir de 2005 a Esquerda Marxista e atualmente a Organização Comunista Internacionalista. A matéria do *Diário Catarinense* se refere ao que explodiria em outubro de 2002, pois também foi a falta de pagamento e de garantia dos empregos o estopim para a greve que levaria os operários à ocupação fabril.

A justificativa dos burgueses dessa fábrica, que afirmavam a inexistência de dinheiro em caixa para pagar os trabalhadores, foi desmentida pela matéria de Estela Benetti, de 9 de abril de 1997, publicada na seção Economia do *Diário Catarinense*. Nela, a jornalista noticia a prisão de Luis Batschauer, presidente do conselho de administração da Corporação HB, controladora da Cipla, e de Anselmo Batschauer, vice-presidente do mesmo conselho, por sonegação de impostos, condenados a quatro anos e dois meses em regime semiaberto. O crime apontado em 1997 se relaciona diretamente com as motivações da ocupação: o recolhimento da contribuição previdenciária dos empregados e a não transferência do montante ao Instituto Nacional de Previdência Social. A reportagem relembra que ambos já haviam sido detidos em 1994 pelos mesmos crimes, mas foram absolvidos naquele período. Foram liberados também em 1997, ao conseguirem *habeas corpus*.

O pré-ocupação ainda é oferecido pela imprensa com uma rica matéria sobre a situação da Indústria de Plástico Ambalit, na capa do *AN Cidade* de 12 de junho de 1997, intitulada “Indústria abandonada é alvo de saqueadores”, assinada por Marco Aurélio Braga, com denúncias de operários quanto à depredação e com a “sugestão” da “autogestão para a empresa voltar a funcionar”.

Dessas fontes nas pesquisas no AHJ, os jornais encontrados saltam para duas publicações de setembro de 2002. A primeira menciona a ansiedade dos operários da referida Ambalit para o leilão da empresa falida, de autoria de Rosane Felthaus no *AN Cidade*, Geral, na página 10, edição 22.458. A segunda aquece os motores para os discursos ideológicos da burguesia local, por meio das matérias dos jornais, quanto ao processo de tomada da fábrica pelos trabalhadores na Cipla e Interfibra: “Paralisação de trabalhadores causa tumulto”, de 22 de outubro de 2002, de autor desconhecido, no *A Notícia*, Economia, página 12, edição 22.489.

Caetano Veloso alertaria: “Alguma coisa está fora da ordem!”.⁶ Paralisação e piquete de greve são algazarra, baderna... No corpo da matéria, uma linha para Carlos Castro, assessor de imprensa do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Material Plástico de Joinville, afirmando que ninguém estaria sendo impedido de entrar na fábrica. Por outro lado, há três parágrafos, sob a referida manchete, para a contestação da assessoria jurídica da Cipla quanto à adesão dos operários ao movimento.

Três dias depois, a greve estampa o jornal: “Funcionários da Cipla fazem greve”, em 25 de outubro de 2002, de Rubens Herbst, em *A Notícia*, Geral. A resposta operária aos ataques aos direitos trabalhistas – ou à ausência deles – é compreendida como uma “decisão radical”. Novamente, a greve e a organização operária estão *fora da ordem* da

⁶ Frase da canção “Fora da Ordem” (1991), faixa do disco “Circuladô”, de Caetano Veloso.

Cidade do Trabalho. Ainda assim, a matéria aponta para uma série de resultados dos atrasos salariais, incluindo o suicídio de um trabalhador, ocorrido três semanas antes da greve.

Já a dimensão nacional que se criava do processo pode ser aferida com a presença de Júlio Turra, membro da executiva nacional da Central Única dos Trabalhadores, em Joinville. O jornal ainda propõe a versão da diretoria da empresa, condenando a greve, atacando o sindicato e afirmando que a greve tem “conotação política”.

À revelia da ordem burguesa, além de política – como toda ação em sociedade –, a greve também possuía conteúdo revolucionário. Então, em 1º de novembro de 2002, com uma janela em sua capa, o *A Notícia* publica: “Funcionários vão administrar a Cipla”, enquanto a página 8, também assinada por Rubens Herbst, reporta: “Definida a autogestão, greve na Cipla é suspensa”, com a ênfase: “E, mais importante, as máquinas voltaram a funcionar”. Assim, após uma semana de greve, a fábrica retornou ao funcionamento, porém sob *controle operário*. (Verago, 2011)

Na matéria, o controle operário é apresentado como resultado das negociações entre representantes do Ministério Público do Trabalho e da Delegacia Regional do Trabalho, e a direção privada da Cipla acabou acordando a entrega da empresa aos trabalhadores. Com isso, a fábrica passaria a ser controlada por uma comissão eleita pelos operários, responsável pela organização financeira e administrativa. Clientes internacionais da Cipla, como Volvo, Mercedes-Benz e Scania, estavam atentas às resoluções, aponta Herbst (2002b).

Os mil empregos e o acerto de salários eram as prioridades do controle operário. Diante da situação, é interessante a fala de Carlos Castro destacada pela matéria de Rubens Herbst “Comissão analisa situação da Cipla”, de 13 de novembro de 2002, em *A Notícia*, Geral, p. 7, edição 22.507, na qual o principal comunicador da ocupação intercede para que toda a cidade se envolva com o processo, sentindo-se responsável pelo controle e pela retomada de uma importante fábrica de Joinville.

A matéria do *A Notícia* também aponta para a atenção dada pelo então governador Luiz Henrique da Silveira e a procura da comissão de fábrica aos técnicos da Universidade do Estado de Santa Catarina e da Universidade Federal de Santa Catarina para colaborar com a administração fabril. Diferentemente de outras matérias, não se leem justificativas nem ataques da antiga direção privada da Cipla à mobilização operária, e sim a motivação conquistada pelos novos *controladores*, que receberam imediatos adiantamentos de seus salários atrasados e a esperança dessa nova etapa de suas vidas.

As profícuas matérias seguintes relatam a crise jurídica entre *controladores* da Cipla e a Volvo, referente aos moldes de produtos. Uma liminar da justiça paranaense deu causa vencida para a multinacional alemã, como mostra a matéria “Liminar causa polêmica”, de Jeferson Ribeiro, do *A Notícia*, Economia, na página 11, de 21 de dezembro de 2002. Mas também se noticiou a campanha nacional do MFO para a resolução dos problemas pelo recém-eleito governo Lula.

Na página 7 do *A Notícia* de 1.º de fevereiro de 2003, em matéria de Rubens Herbst intitulada “Comissão da Cipla vai à Brasília”, encontram-se as necessidades dos operários de transformar a fábrica ocupada em propriedade pública e estatal, mediante as primeiras tratativas com o governo Lula. Como aponta a matéria de Herbst,

iniciou-se com o ministro do Trabalho Jaques Wagner e a comissão dirigente da ocupação demonstrando as conquistas da mobilização operária e dando garantias ao governo em troca de acordos das dívidas da empresa, contraídas pelos antigos proprietários com o Estado.

Na matéria de Oliver T. Albert para o *A Notícia* de 12 de março do mesmo ano, “Funcionários da Cipla tentam manter autogestão”, destacam-se: o aparecimento do nome de Carlito Merss, contrário à direção da fábrica ocupada e então deputado federal e posterior prefeito de Joinville pelo PT, uma ação dos trabalhadores que soldaram o portão de entrada da fábrica para que não houvesse a entrega de uma procuração endereçada a Anselmo Batschauer, além do comunicado da entrega de um abaixo-assinado com 50 mil assinaturas em favor dos *controladores* para o governo Luiz Henrique da Silveira. (Albert, 2003, p. 10) O jornalista também cita o ato ocorrido em 13 de fevereiro de 2002 na fábrica, com a participação de Eurides Mescolotto, presidente do Banco do Estado de Santa Catarina, visando à abertura de contas para os trabalhadores no banco estadual catarinense.

As reportagens seguintes do *A Notícia* e do *Diário Catarinense* acompanham a saga dos *controladores* atrás do presidente Lula. Em 23 de maio de 2003, numa pequena coluna da página 10 e sem autor citado, intitulada “Presidente vai receber funcionários da Cipla”, *A Notícia* destaca que o presidente receberia os trabalhadores em 4 de junho. Uma caravana foi organizada para Brasília (DF), pela comissão de fábrica, com 10 ônibus e cerca de 400 pessoas, objetivando pressionar a Central Única dos Trabalhadores e o PT.

Essa coluna também relata a assembleia do Conselho Unificado Administrativo da Cipla/Interfibra com 600 trabalhadores, de 22 de maio de 2003, que encaminhou a reivindicação pela estatização das duas indústrias para o pagamento da dívida de R\$ 480 milhões. Importante lembrar que Lula havia visitado Joinville em 15 de março de 2003, comprometendo-se a receber os controladores. O mesmo texto ainda abre aspas para o dirigente político Serge Goulart – citado equivocadamente como “Sérgio” –, que coloca a intenção do ministro Jaques Wagner de não estatizar as fábricas, mas assumir as dívidas referentes ao pagamento de impostos e tributos, visando garantir os mil empregos. Interessante também destacar que, nesse texto, se pode interpretar relativo apoio ao processo quando é expresso que a demissão dos trabalhadores afetaria diretamente a economia da cidade, por causa da quantidade de desempregos que o insucesso do processo geraria em cadeia.

Porém, o *Diário Catarinense*, na breve nota “Cipla com Lula: salvar mil empregos”, de 9 de junho de 2003, já expõe que Lula não recebera os operários em 4 de junho, mas somente, após vários adiamentos, em uma audiência pública de 11 de junho, às 16h30. No mesmo jornal, na seção Economia, na página 19, do dia 12 de junho, Liziane Rodrigues afirma: “Lula promete socorrer a Cipla”, além de um resumo da trajetória da produção e organização na Cipla, que produziria, segundo a matéria, “mais de 2 mil itens para construção”.

Em 2 de julho de 2003, em coluna de notas da página 13, *A Notícia* publica o descarte do governo Lula em estatizar as fábricas, após o encontro com o presidente, mencionando a defesa de Serge Goulart, que apontava para a federalização das empresas para a manutenção dos mil empregos.

Vale ressaltar diversas matérias desses jornais que expõem a crise das indústrias em Joinville nesse período, com atrasos salariais, queda de produção, redução de jornada e sem aumento real nos salários. De modo geral, a indústria catarinense estava em um delicado momento econômico-produtivo, como se vê nas publicações “Ganho real nos salários está descartado”, página 13, seção Economia do *A Notícia* de 4 de abril de 2003, por Leandro Junges, e “Amanco reduz jornada e salários”, assinada por Claudio Loetz na coluna Livre Mercado, página 12, de 2 de julho de 2003.

Após longa jornada até Lula, foi encontrada uma nova cobertura do processo no *Diário Catarinense* de 29 de setembro de 2003 reportando uma assembleia com mais de 500 operários da Cipla e Interfibra, convocada pelos opositores da ocupação representados pelo Sindicato dos Trabalhadores na Indústria Plástica, liderado por Rinaldo Schroeder. A matéria aponta, contudo, o sucesso de faturamento da gestão operária, que havia dobrado, chegando em julho de 2003 a R\$ 1,85 milhão e conquistando a redução da jornada de trabalho de 44 para 40 horas semanais, sem alteração dos salários e com reajuste de 18,5% aos operários. Essa matéria, sem autor, também explica que os atrasos promovidos pelos antigos donos tinham sido pagos, apesar de um passivo de R\$ 15 milhões ainda em débito. A grande pendência nessa altura da ocupação seguia sendo a dívida de R\$ 485 milhões da empresa, 85% dessa dívida com o governo federal. Citando Serge Goulart, o texto do *Diário Catarinense* indica que tal dívida impedia a renovação do parque fabril, então sucateado.

As fontes posteriores surgiram em 10 e 11 de dezembro de 2004 e 6 de outubro de 2004 referindo-se ao imbróglio dos leilões das máquinas das fábricas. Esse longo processo é compreendido nas duas matérias: “Trabalhadores tentam evitar leilões”, de 11 de dezembro de 2003, de Sabrina Passos, em *A Notícia*, Cidade, na página 10; e “Cipla impede retirada de máquinas”, de 6 de outubro de 2004, de Liziane Rodrigues ao *Diário Catarinense*, seção Economia, página 20, edição 6.749. Lê-se a pressão do mercado e da justiça burguesa para pôr em xeque a ocupação com a tentativa de retirar o maquinário dos operários. Novamente, os jornais estampam a mobilização operária, mas evitam um ataque direto.

Desse episódio até 2006, as únicas fontes encontradas no AHJ são relativas ao acordo que a Cipla Ocupada firmou com o governo da Venezuela, liderado por Hugo Chávez, estas sim com cunho persecutório. Em 2 de novembro e em 14 de dezembro de 2004, são encontradas notícias, ambas do *Diário Catarinense*, sobre a venda de tubos e tanques para a estatal Petróleos de Venezuela SA (PDVSA). Com a venda, ampliaram-se a produção e os postos de trabalho, mas mesmo antes do acordo, segundo a matéria de Liziane Rodrigues no *Diário Catarinense*, o faturamento em outubro daquele ano já havia alcançado seu recorde mensal, chegando a R\$ 2,9 milhões, três vezes mais que antes da ocupação operária. O acordo com os venezuelanos rendeu aos operários da Cipla e da Interfibra créditos para a aquisição de insumos pela Petroquímica de Venezuela, subsidiária da PDVSA.

Infelizmente, após essas reportagens, não foram mais encontradas publicações da imprensa até 8 de dezembro de 2006, na reta final da ocupação. Ressalta-se que junho de 2007 é um dos meses com mais materiais sobre o processo, pelo término da ocupação operária em função da intervenção federal.

Em 8 de dezembro de 2006, a seção Economia do *A Notícia*, em sua página 12, destaca que os trabalhadores da Cipla vão trabalhar menos, complementada pela página 14 da mesma edição com a nota “30 horas”. Ou seja, redução da jornada de trabalho semanal sem perda salarial e com a contratação de mais 78 trabalhadores, situação que atiçava a burguesia nacional com o medo de a *moda pegar*. Nessa edição também são encontradas linhas para o Encontro Pan-americano em Defesa do Emprego, dos Direitos, da Reforma Agrária e do Parque Fabril, organizado pelo MFO, dirigido pelos marxistas, realizado na mesma semana, em 2006.

Quanto ao encontro continental, em 9 de dezembro, uma matéria é dedicada com um título sugestivo: “Fábricas ocupadas: uma apologia à estatização”, sem autor assinalado, encontrada no caderno de Economia de *A Notícia*, na página 11. Lê-se um interessante relato de toda a discussão e dos encaminhamentos traçados no encontro, enfatizando o combate ao capitalismo, além do dado de faturamento alcançando os R\$ 3,5 milhões. Esse foi um encontro de enormes proporções para o MFO.

Já em 2007, as fontes transportam-se diretamente para a intervenção federal, com armas em punho, nos jornais dos dias 1º, 2 e 3 de junho, reportando a violenta invasão policial nas fábricas ocupadas em 31 de maio. Inúmeros foram os espaços preenchidos nas páginas do *A Notícia* dando como manchetes, por exemplo, “Juiz federal ordena intervenção na Cipla” e “Fim da gestão operária? Cipla está sob intervenção”. As matérias dos primeiros dias de junho chamam a ação policial e judicial de “operação de guerra”, contam os bastidores, dão voz aos acusadores do não pagamento das dívidas ao Instituto Nacional do Seguro Social e às suposições de beneficiamento próprio aos dirigentes da Comissão de Fábrica.

A extensa matéria de 1º de junho é assinada por Marco Aurélio Braga, sendo capa do *AN Cidade* e presente nas páginas 4 e 5. O jornalista descreve a operação da Polícia Federal, detalha o cálculo da dívida da fábrica e estampa os dirigentes da ocupação, Serge Goulart, Chico Lessa e Carlos Castro. Um olhar atento vê personalidades sendo criadas nas páginas dos jornais: um dirigente político revoltado – quase tresloucado –, um advogado social cauteloso e sóbrio e um radialista agitador. Nessa publicação, destaca-se a posição do Sindicato dos Plásticos, reconhecido como “patronal” e opositor da ocupação e do controle operário. Na matéria, o referido sindicato possui ampla abertura de suas acusações com diminutas réplicas da Comissão de Fábrica, responsável pela direção da ocupação.

Nas edições de 2 e 3 de junho de 2007, as fontes mostram o papel do interventor, Rainoldo Uesler, e seu histórico ligado ao Tribunal de Justiça. Também contam com uma nota de Jefferson Saavedra chamada “Ideologias” sobre a direção política da ocupação, referente à cisão realizada nesse processo na Corrente O Trabalho (PT), gerando a fundação da Esquerda Marxista, atual Organização Comunista Internacionalista – seção brasileira da Corrente Marxista Internacional, na qual Serge Goulart é secretário-geral.

Reforça-se que as publicações da imprensa local aqui apresentadas são uma pequena parte de toda a produção acerca desse processo histórico, repleto de memórias e resultados para os envolvidos, direta e indiretamente. Outros jornais locais e da imprensa nacional também podem ter destacado as ocupações fabris em Joinville em algum momento, mesmo não estando no referido acervo do AHJ, sendo novas investigações e interpretações possíveis.

Uma interpretação da imprensa burguesa

A liberdade de imprensa é um sustentáculo democrático, seja na concepção burguesa, seja na concepção operária. Em *Liberdade de imprensa*, compilado de artigos de Karl Marx (2006) que expressam seus pensamentos sobre esse pilar da modernidade, vê-se como o fundador do materialismo histórico-dialético condenava a censura. Para ele, onde não há tal liberdade, todas as outras estariam solapadas.

A defesa absoluta pela liberdade, no entanto, não significa a ausência de identificação do caráter da imprensa burguesa. Nesse sentido, encontra-se em Antonio Gramsci (2005) uma precisa explicação, apresentada no texto “Os Jornais e os Operários”, publicado em 1916 no jornal *Avanti!*, de Piemonte, na Itália, sintetizada pelo trecho, que enfatiza:

O operário [...] deveria recordar-se sempre, sempre, sempre, que o jornal burguês (qualquer que seja sua cor) é um instrumento de luta movido por ideias e interesses que estão em contraste com os seus. Tudo o que se publica é constantemente influenciado por uma ideia: servir a classe dominante, o que se traduz sem dúvida num fato: combater a classe trabalhadora. [...] Mas o pior reside nisto: em vez de pedir dinheiro à classe burguesa para subvencionar a obra de defesa exposta em seu favor, o jornal burguês consegue fazer-se pagar pela própria classe trabalhadora que ele combate sempre. E a classe trabalhadora paga, pontualmente, generosamente. [...] Por quê? Se perguntarem ao primeiro operário que encontrarem [...], com a folha burguesa desdobrada à sua frente, ouvirão esta resposta: *É porque tenho necessidade de saber o que há de novo*. E não lhe passa sequer pela cabeça que as notícias e os ingredientes com as quais são cozinhadas podem ser expostos com uma arte que dirija o seu pensamento e influa no seu espírito em determinado sentido. (Gramsci, 2005, n.p.)

Gramsci (2005, n.p.) ainda complementa: “Rebenta uma greve? Para o jornal burguês os operários nunca têm razão. Há manifestação? Os manifestantes, apenas porque são operários, são sempre tumultuosos, malfeitores”.

Esse breve artigo do revolucionário italiano Gramsci (2005) poderia ter sido endereçado para a análise das produções jornalísticas da imprensa brasileira sobre as ocupações das fábricas de transformação de plástico Cipla e Interfibra e o MFO, mesmo àquelas que buscaram imprimir suposta isenção ao meramente *reportar* os acontecimentos.

O caso joinvilense, além de ter sido uma experiência de controle operário da produção, que tinha como horizonte a superação capitalista, foi em uma das fábricas mais reconhecidas da cidade-propaganda da industrialização e da ordem catarinense. Como exposto na introdução, historicamente as classes dominantes de Joinville e sua imprensa buscam construir uma memória histórica asséptica, ordeira, uma “pequena Alemanha tropical, a cidade dos Príncipes, das Bicicletas e das Flores”. (Gruner, 2017, p. 21)

A memória incrustada nas páginas da imprensa local compõe e constrói tal ideologia da ordem e do trabalho hercúleo dos empreendedores, especialmente dos imigrantes germânicos. A substituição, ou a tomada da produção pelos operários, com

salários atrasados, organizada por comunistas, retirando a posse de membros de famílias reconhecidas da cidade, é causadora de “tumulto” e observada como “manobra política”. Sai do *script*.

Ao fazer a comparação entre as páginas dos jornais anteriores à ocupação e as que noticiam a intervenção federal, salta aos olhos, mediante uma leitura crítica, a ausência de uma simples questão: por que a justiça ordenou a intervenção armada, a “operação de guerra”, contra os operários controladores das fábricas, mas não fizera nenhum movimento como esse durante a caótica e deficitária administração privada dos Batschauer?

Essa seria uma problemática passível de comentários e indagações da imprensa? Ou, como afirmou Gramsci (2005), o *jornal burguês* seria incapaz disso por ser *um mero instrumento de luta movido por ideias e interesses* antagônicos aos proletários? Ou, ainda, seria uma manchete mais vendável?

A hipótese aqui levantada concorda com a perspectiva da historiadora Iara Andrade Costa: a sociedade do capital busca enquadrar a população em “condutas desejáveis, dentro do preestabelecido como deveres [...] onde o capital define as formas de relacionamento” (Costa, 1996, p. 243) – situação visível em Joinville, enquanto uma cidade industrial e supostamente ordeira. As classes dominantes da cidade produziram seu mito de racionalidade por meio da burocracia local e dos padrões de organização da produção, em benefício do capital.

Essa organização produtiva tem como finalidade não apenas o lucro burguês, mas também a sabotagem às organizações independentes dos trabalhadores, considerando-os imaturos e incapazes de controlar uma fábrica, ou um risco de influência para toda a classe. Entretanto, como se vê no exemplo das ocupações da Cipla e Interfibra, mesmo com todas as pressões assinaladas por Costa (1996), os trabalhadores dessas fábricas foram capazes de combater a carga imposta pelo patronato, não apenas gerindo, mas aumentando a produtividade e diminuindo a carga horária de seu trabalho semanal sem rebaixamento de salários por cinco anos, findando somente por causa da intervenção policial federal.

Com base em Costa (1996), confere-se que a ideologia e os discursos das classes dominantes, especialmente advindas dos industriais, da imprensa e da administração pública, buscaram impor aos trabalhadores e à sociedade joinvilense a crença em verdades implícitas e encerradas do *ser trabalhador*. Assim, é na história do trabalho que se compreende a longevidade desses discursos, que são atravessados por essa correlação de forças entre ideologia burguesa e ação proletária. Isso é resultado de as condições de vida não serem como as propagandeadas pelas classes dominantes, sobretudo teuto-brasileiras, no caso joinvilense:

O contraponto do discurso dos empreendedores joinvilenses, que pregam a poupança, a disciplina e ordem para um homem ideal, protótipo do trabalhador cordial que cultivava religiosamente o trabalho é o homem com salários baixos, condições miseráveis de moradia, falta de infraestrutura, descontentamentos e sofrimentos. (Costa, 1996, p. 245)

Nem os empreendedores Batschauer nem os operários controladores de fábrica da Cipla cumpriram o protótipo do joinvilense, cada qual em sua posição, pois invariavelmente tal modelo se desmancha no ar na realidade da luta de classes.

À revelia, esses antagonismos compõem o patrimônio industrial local, laureado pela imprensa, mas não como seu ideal, e sim pelas relações humanas das personagens fabris dessa cidade, que, pela ideologia burguesa, qualifica a resistência como “sinônimo de atraso dentro do espírito do progresso”. (Costa, 1996, p. 245) Ao contrário disso, a resistência e a ação proletária, entre 2002 e 2007, salvaguardaram mil empregos, reduziram em seu último ano a jornada de trabalho para 35 horas semanais, pagaram salários, firmaram acordos internacionais, triplicaram o faturamento da empresa, garantiram benefícios, com planos de saúde e odontológico, efetivação de estagiários, licença-maternidade, centro cultural e até cabelereiro aos operários. (Paulucci, 2007, p. 99) Algumas dessas conquistas os jornais não puderam ocultar, mas o incentivo e a memória do e pelo controle operário da produção são constantemente apagados na Joinville de Fallgatter, Buschle, Freitag e Thomazi.

Considerações finais

A história é objeto de uma construção, cujo lugar não é formado pelo tempo homogêneo e vazio, mas por aquele saturado tempo-de-agora. [...] Ela é o salto de tigre em direção ao passado. [...] O mesmo salto sob o livre céu da história é o salto dialético, que Marx compreendeu como sendo a revolução. (Benjamin apud Löwy, 2005, p. 119)

Em Walter Benjamin, o *historiador educado por Marx*, o qual *nunca perde de vista* a luta de classes (Tese IV de Sobre o Conceito de História de 1940 *apud* Löwy, 2005), aprende que sua tarefa é escovar a história a contrapelo. Nesse sentido, as fontes precisam ser postas de cabeça para baixo, deixando cair sobre o papel a se escrever aquilo que não está explícito em suas descrições e afirmações envernizadas de imparcialidade.

Na tese XIV Sobre o Conceito de História, Benjamin nutre a ação e a memória operária, capazes de ultrapassar as páginas da imprensa e a ideologia dominante, quando caracteriza a revolução – e suas tentativas – como esse “salto do tigre em direção ao passado”. (Benjamin *apud* Löwy, 2005) Um salto que salvaguarda a herança, a memória, o patrimônio dos explorados e oprimidos para, desse processo, inspirar e superar as misérias e catástrofes do presente, construindo um novo mundo, um novo futuro.

Por isso, as ocupações fabris não surgiram como raio em céu azul, mas foram fruto de seguidos ataques aos direitos trabalhistas dos operários e de mobilização permanente de militantes marxistas, como demonstram os jornais anteriores a outubro de 2002. Isso levanta a hipótese de como nenhum controle ou adequação fora completamente capaz de adestrar e evitar as aspirações revolucionárias contidas nas ocupações fabris na cidade.

Um evento dessa proporção exemplificaria que a classe trabalhadora de Joinville, mesmo com todo o esforço dominante de enquadrá-la como conservadora e ordeira, ferve na luta de classes e em força organizativa antagônica aos anseios reacionários. Os jornais *A Notícia* e *Diário Catarinense*, diante dessas tramas extraordinárias, ou seja, que saíram da ordem estabelecida, dispuseram-se de discursos que buscavam afirmar a ideologia dominante, mas sem poder esconder as conquistas operárias, acionando seu caráter *democrático*.

Ainda assim, reitera-se que este trabalho se restringiu às fontes disponíveis no acervo do AHJ, onde estão os dois periódicos citados. Na imprensa nacional, pesquisa a ser feita, os discursos e as ideologias contrários às tais ações operárias são também interessantes, sobretudo nos materiais reconhecidamente detratores do MFO, como a revista *Veja*, que o cunhou, em sua matéria aqui já mencionada, de “O MST das Fábricas”, e o jornal *O Estado de S. Paulo*, opositor do acordo entre Cipla e governo venezuelano, baseado nas orientações da Fiesp, presidida à época por Paulo Skaf.

A presente pesquisa, integrante da produção de uma dissertação de mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade pela Universidade da Região de Joinville, não esgota as capacidades desse tema na imprensa. Permanecem as investigações trabalhando a memória operária, pelos métodos da história oral e da própria imprensa produzida pelos trabalhadores e dirigentes políticos ligados ao processo.

Referências

- ALBERT, Oliver T. “Funcionários da Cipla tentam manter autogestão”. *A Notícia*, Joinville, 12/03/2003.
- ALESC. *Biografia Aderbal Ramos*. 2022. Disponível em: <https://memoriapolitica.alesc.sc.gov.br/biografia/4-Aderbal_Ramos>. Acesso em: 08/01/2024.
- A NOTÍCIA. Joinville, p. 13, 2 jul. 2003.
- A NOTÍCIA. Joinville, 8 dez. 2006.
- A NOTÍCIA. Joinville, 2 jun. 2007a.
- A NOTÍCIA. Joinville, 3 jun. 2007b.
- BENETTI, Estela. “Empresários de Joinville são presos por sonegação”. *Diário Catarinense*, Joinville, 09/04/1997.
- BRAGA, Marco Aurélio. “A Cipla é viável?”. *AN cidade*, Joinville, 02 e 03/06/2007.
- BRAGA, Marco Aurélio. “Indústria abandonada é alvo de saqueadores”. *AN cidade*, Joinville, 12/06/1997.
- BRAGA, Marco Aurélio. “Fim da gestão operária? Cipla está sob intervenção”. *AN cidade*, Joinville, 01/07/2007, p. 4-5.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo: Contexto/Edusp, 1988.
- CIPLA. *Institucional*. Disponível em: <<https://www.cipla.com.br/institucional>>. Acesso em: 08/01/2024.
- CIPLA com Lula: salvar mil empregos. *Diário Catarinense*, Joinville, 09/06/2003.
- COSTA, Iara Andrade. *A cidade da ordem: tensões sociais e controle (Joinville 1917/1945)*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1996.
- CUNHA, Dilney. *História do trabalho em Joinville: gênese*. Joinville: Toda Letra, 2008.
- DAL RI, Neusa Maria; VIEITEZ, Candido G. “O controle dos trabalhadores na Cipla – Indústria de Plásticos”. *Org & Demo*, v. 8, n. 1/2, 2007, p. 173-186. <https://doi.org/10.36311/1519-0110.2007.v8n1/2.388>
- DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. Tradução: Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- FÁBRICAS ocupadas: uma apologia à estatização. *A Notícia*, Joinville, 09/12/2006, p. 11.
- FELTHAUS, Rosane. “Ex-funcionários esperam leilão de empresa falida”. *AN cidade*, Joinville, n. 22.458, p. 10, 2002.
- FORBES. “Profile: Carlos Sanchez”. *Forbes*, 2023. Disponível em: <<https://www.forbes.com/profile/carlos-sanchez/?sh=3e972b666359>>. Acesso em: 08/01/2024.
- GEHLEN, Joel. *Acij na história de Joinville*. Joinville: Letradágua, 2021.
- GIOVANAZ, Daniel Piassa. *Da conquista do canal 12 à compra do jornal A Notícia: as articulações políticas que consolidaram o oligopólio da RBS em Santa Catarina*. 289f. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

- GRAMSCI, Antonio. “Os jornais e os operários”. *Marxists Internet Archive*, 2005. Disponível em: <<http://www.marxists.org/portugues/gramsci/1916/mes/jornais.htm>>. Acesso em: 13/04/2023.
- GRUNER, Clóvis. *Leituras matutinas: modernidade, utopias e heterotopias na imprensa joinvilense (1951-1980)*. Curitiba: Prismas, 2017.
- HERBST, Rubens. “Comissão da Cipla vai à Brasília”. *A Notícia*, Joinville, 01/02/2003, p. 7.
- HERBST, Rubens. “Funcionários da Cipla fazem greve”. *A Notícia*, Joinville, 25/10/2002a.
- HERBST, Rubens. “Definida a autogestão, greve na Cipla é suspensa”. *A Notícia*, Joinville, 01/11/2002b.
- HERBST, Rubens. “Funcionários vão administrar a Cipla”. *A Notícia*, Joinville, 01/11/2002c, p. 8.
- HERBST, Rubens. “Comissão analisa situação da Cipla”. *A Notícia*, Joinville, n. 22.507, 13/11/2002d, p. 7.
- INTERFIBRA. *Institucional*. Disponível em: <www.interfibra.com.br/institucional/>. Acesso em: 08/01/2024.
- JUNGES, Leandro. “Ganho real nos salários está descartado”. *A Notícia*, Joinville, 04/04/2003, p. 13.
- LOETZ, Claudio. “Amanco reduz jornada e salários”. *A Notícia*, Joinville, 02/07/2003, p. 12.
- LOETZ, Claudio. “Moacir Thomazi aprendeu liderança com personalidades como o empresário e político Baltasar Buschle”. *NSC total*, 2019. Disponível em: <<https://www.nsctotal.com.br/colunistas/loetz/moacir-thomazi-aprendeu-lideranca-com-personalidades-como-o-empresario-e-politico>>. Acesso em: 08/01/2024.
- LÖWY, Michael. *Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”*. Tradução: Wanda Nogueira Caldeira Brant, [tradução das teses] Jeanne Marie Gagnebin, Marcos Lutz Muller. São Paulo: Boitempo, 2005.
- MARX, Karl. *Liberdade de imprensa*. Porto Alegre: L&PM, 2006.
- MARX, Karl e ENGELS, Friederich. *Manifesto comunista*. São Paulo: Boitempo, 2010.
- MINUSSI, Fabrício. “Sem dinheiro: ex-empregados da Cipla protestam”. *Diário Catarinense*, Joinville, 16/05/1996, p. 21.
- MUSTO, Rafaela. *Fábrica em movimento*. Sumaré: Edições Cemop, 2012.
- NASCIMENTO, Janaína Quitério. *Fábrica quebrada é fábrica ocupada, fábrica ocupada é fábrica estatizada*. [S.l.: s.n.], 2004.
- PARALISAÇÃO de trabalhadores causa tumulto. *A Notícia*, Joinville, n. 22.489, 22/10/2002, p. 12.
- PASSOS, Sabrina. “Trabalhadores tentam evitar leilões”. *A Notícia*, Joinville, 11/12/2003, p. 10.
- PAULUCCI, María Alejandra. *O internacionalismo e as fábricas recuperadas*. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal

de Santa Catarina, Florianópolis, 2007. Disponível em: <<http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/89810>>. Acesso em: 25/08/2021.

PRESIDENTE vai receber funcionários da Cipla. *A Notícia*, Joinville, 23/05/2003, p. 10.

REDAÇÃO NSC. “DC, AN e Santa contaram a história cotidiana de Santa Catarina”. *NSC total*, 2019. Disponível em: <<https://www.nsctotal.com.br/noticias/dc-an-e-santa-contaram-a-historia-cotidiana-de-santa-catarina>>. Acesso em: 24/10/2019.

RIBEIRO, Jeferson. “Liminar causa polêmica”. *A Notícia*, Joinville, 21/12/2002, p. 11.

RODRIGUES, Liziane. “Cipla deve vender para Venezuela”. *Diário Catarinense*, Joinville, 02/11/2004.

RODRIGUES, Liziane. “Cipla fecha venda para Venezuela”. *Diário Catarinense*, Joinville, 14/11/2004.

RODRIGUES, Liziane. “Cipla impede retirada de máquinas”. *Diário Catarinense*, Joinville, n. 6.749, 06/10/2004, p. 20.

RODRIGUES, Liziane. “Lula promete socorrer a Cipla”. *Diário Catarinense*, Joinville, 12/06/2003, p. 19.

SOUZA, Sirlei de. *Ecos de resistência na desconstrução da ordem: uma análise da “Revolução de 64”* em Joinville. 145f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1998.

TERNES, Apolinário. “Jornal *A Notícia* 100 anos”. *Redação Making Of*, 20/02/2023. Disponível em: <<https://portalmakingof.com.br/jornal-a-noticia-100-anos-por-apolinario-ternes/>>. Acesso em: 08/01/2024.

TRABALHADORES mantém o comando da Cipla. *Diário Catarinense*, Joinville, 29/09/2003.

VERAGO, Josiane Lombardi. *Fábricas ocupadas e controle operário: Brasil e Argentina (2002–2010). Os casos da Cipla, Interfibra, Flaskô e Zanon*. Sumaré: Edições Ce-mop, 2011. 258p.

Recebido em 05 de março de 2024

Aprovado em 15 de maio de 2024